

## O fenômeno das fábricas recuperadas por trabalhadores: Flaskô e ERTs argentinas em foco

Cícero Costa Hernandez <sup>1</sup>

Carlos Raul Etulain <sup>2</sup>

### Resumo

O fenômeno das fábricas e empresas recuperadas (FRs) é mundial, não se restringe a algumas nações e estados, este processo está vinculado à trajetória capitalista. A recuperação e ocupação de fábricas em situação de falência decorrem, principalmente, das crises econômicas. O motivo da falência é, em muitos casos, gerado por variações políticas e econômicas, bem como equívocos dentro da administração. É evidente que alternativas distintas podem surgir e aumentar a resiliência da localidade, tendo em vista as crises do capital, e, assim, há uma forma de agir que sobrevive às formas convencionais, caracterizada pela solidariedade e coletividade: a recuperação das fábricas através da ocupação de trabalhadores. Assim sendo, o trabalho busca apresentar o caso da Flaskô, a partir de vivências e imersões feitas na fábrica, comparando-a com a realidade das empresas recuperadas por trabalhadores (ERTs) na Argentina.

**Palavras-chave:** ERTs. Fábricas Recuperadas. Flaskô

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [cicero.hernandez@gmail.com](mailto:cicero.hernandez@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Laboratório de Economia e Gestão. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [carlos.etulain@fca.unicamp.br](mailto:carlos.etulain@fca.unicamp.br).

## Introdução

### *Um fenômeno peculiar*

Este trabalho deriva dos estudos feitos na fábrica Flaskô durante o período de 2013-2017, o qual deu margem para que aspectos amplos e específicos da fábrica pudessem ser identificados. Compreendem-se as ERTs e as FRs como irmãs de um movimento pela ocupação das fábricas na América Latina. Desta forma, de maneira ampla ou focal, podemos encontrar a esfera do mundo do trabalho dentro da fábrica, algo que nos leva a pensar que existe uma somatória de condições, que leva à ocupação da fábrica Flaskô, que se assemelham por todo continente.

Durante o período citado, foram feitas, na Flaskô, visitas guiadas no chão de fábrica, imersões com pesquisadores, participação em festas, aniversários, comemorações e atividades de caráter político-social, o que permitiu conhecer, não somente condições estritamente econômicas da fábrica, mas também aquelas humanas e sociais. A fábrica coexiste com o capitalismo e busca lutar contra ele. Todos aqueles, direta ou indiretamente envolvidos na manutenção da fábrica, acreditam que contribuem para a manutenção do símbolo que a existência desta fábrica carrega em si.

Deste ponto de partida, reconhecer como este símbolo da luta anticapitalista foi constituído é compreender os desdobramentos capitalistas, desde como a abertura econômica da década de noventa afetou pequenos negócios, até o fato de que a administração tradicional, não necessariamente, é a mais eficaz, e, principalmente, que a Flaskô, por mais que seja única no Brasil, não está sozinha no mundo.

### *Primórdios condicionantes do caso*

Desde a revolução industrial até a segunda dezena do século XXI, a forma pela qual os Estados e as empresas se organizam está vinculada a racionalidade capitalista e as suas formas institucionais. Os fatos decorrentes da revolução industrial geraram diversas problemáticas em decorrência da forma como a técnica é aplicada, ou seja, quando esta visa não o desenvolvimento social e humano, mas a reprodução de determinadas condições que permitem a maior acumulação e controle das riquezas. Neste sentido, a técnica não é neutra, ela sempre é perpassada por interesses particulares, desde o interesse do próprio pesquisador em examinar determinado objeto, até acionistas que investem nessas pesquisas e estados que visam um projeto nacional.

Outro problema é o fato de que a propriedade privada não se sustenta sem o trabalho, e, sob essa esfera do território diretamente conectada com a subjetividade e sociabilidade das pessoas, há um intenso controle, tendo em vista atingir metas econômicas definidas pela oferta e pela demanda, o que tende a entrar em situação crítica quando não planejado de maneira inteiramente correta, fato constante e intermitente dentro do capitalismo, que condiciona alguns lugares ao esvaziamento subjetivo e à degradação em prol da riqueza.

Não obstante, a crise dentro do mundo do trabalho se apresenta como um conjunto de problemas constantes que não melhoraram desde o século dezenove, mas se acentuaram: informalidade, depressão/doenças psicológicas, demissões em massa, humilhações nos postos de trabalho, pulverização de cargos e concentração do controle nas mãos de poucos acionistas, salários indignos, trabalho infantil, trabalho semiescravo, suicídios, robôs substituindo mão de obra. Se continuarmos neste sentido, aos poucos não restará lugar e tampouco humanidade, um cenário de miséria e solidão em que “o tempo é tudo, o homem é nada, quando muito, é a carcaça do tempo” (MARX, 1853, p. 53).

Estes apontamentos nos revelam uma enorme complexidade acerca do mundo do trabalho, mas, por hora, basta pensarmos que há relações sociais de produção condicionadas para que o modelo salário-trabalho-lucro possa ocorrer. A totalidade do condicionamento social e humano necessário para implicar na relação salário-trabalho-lucro gera o esvaziamento subjetivo das palavras e das coisas, do subjetivo e do concreto, da natureza e da consciência. Sob esta óptica, a *Flaskô* e o movimento de ERTs evocam a resistência trabalhadora a partir da tomada dos meios de produção, direcionando esses esforços para a configuração de empreendimentos de interesse social, visando denunciar a expropriação capitalista.

### *Problemáticas flutuantes e oportunidades nas ruínas do capitalismo*

O controle da dinâmica do trabalho se estende da capacidade física até a mental e, de maneira geral, aponta-se o controle da produção por “olhos alheios”, a utilização da tecnologia para maior controle do trabalho a partir da substituição do trabalho humano por robôs e máquinas, a separação e divisão do trabalho e o uso da administração como ferramenta técnica que expropria o saber do trabalhador. Aqui relatamos que cada empreendimento é único e deve ser analisado sob condições específicas do território que o cerca, dos indivíduos que o compõe, das histórias que são inerentes a cada pessoa, estes aspectos configuram também o lugar, existindo, assim,

margem para inúmeros elementos que devem ser considerados como fatores que constituem um empreendimento.

Neste sentido, a recuperação de fábricas e empresas é uma reação de trabalhadores que enfrentam o movimento de expropriação do trabalho pelo capital, na medida em que os trabalhadores se tornam os administradores sob um novo modelo, caracterizado, na maior parte das vezes, por práticas democráticas e autogestionárias no interior das recuperações.

A grande questão, no caso brasileiro sobre as ocupações e recuperações, é a capacidade do empreendimento sobreviver com as dívidas e o decréscimo de trabalhadores, além de não possuir apoio dos governos e municípios. Por outro lado, há um consenso dentro da fábrica, de que a organização sem patrão é melhor. Há também líderes que tomam à frente da organização devido ao maior conhecimento sobre determinados assuntos, acúmulo de responsabilidades e de domínio de funções cruciais como financeiro e jurídico, atividades que nem sempre os trabalhadores do chão de fábrica conhecem. De qualquer maneira, o que está em jogo não é o futuro das ocupações, mas o quanto suas práticas revelam sobre a possibilidade de outra organização do trabalho.

Segundo Lefebvre (1966), “a autogestão não surge em qualquer lugar, conjuntura ou momento, é necessário um lugar privilegiado”.

Seja pela preservação de milhares de postos de trabalho, em sua grande maioria no setor industrial (em flagrante retração), seja pela inovação que representam, do ponto de vista da organização do trabalho e das estratégias de luta dos trabalhadores; a persistência dessas experiências de recuperação de empresas em crise representa um fenômeno social novo, que abre perspectivas diferenciadas dentre as alternativas até então conhecidas para o enfrentamento ao desemprego e à redução dos postos de trabalho (HENRIQUES *et al.*, 2013, p. 65).

No caso que apresentamos, apontamos a Flaskô como um exemplo que se vincula aos elementos apresentados e resiste frente a essas condições que subsumem o trabalho à mera reprodução de lucros. Sendo a única fábrica ocupada do país, ela é uma fábrica em estado de ocupação e, por isso, ainda não passou pelo processo de estatização e nem pelo decreto de falência, que acabaria com a produção. Assim, os trabalhadores mantêm uma ocupação de mais de 13 anos, que busca a garantia dos postos de trabalho sob controle operário a partir da legitimação social da propriedade, tornando a fábrica um patrimônio social. Isto significa praticar outra lógica.

Assim, a Flaskô busca, através de maneiras alternativas, construir seus processos e práticas, tornando de interesse público a sua história e realidade, sendo esta uma característica do movimento de fábricas recuperadas. De maneira muito semelhante, na Argentina, as empresas recuperadas se tornaram um marco da

resistência dos trabalhadores frente à abertura econômica que assolou o país, gerando altas taxas de desempregos no início do século XXI.

### **Objetivo e Metodologia**

O objetivo do trabalho é demonstrar que a Flaskô e as ERTs na Argentina passam por uma mesma problemática que se constitui para além da organização econômica e que atinge, principalmente, esta esfera, acentuando o problema nas esferas sociais e humanas. Nesse sentido, partimos da hipótese de que as condições que resultam nas ERTs e na ocupação da Flaskô foram geradas por uma série de eventos que são distintos, porque, para cada trabalhador, a motivação e o porquê de estar trabalhando têm significados diferentes.

Durante os anos, foi possível observar e participar das atividades da fábrica, como um convidado/militante/pesquisador/amigo das pessoas da fábrica. A partir desta relação, manter o distanciamento do objeto de estudo de maneira completa sem que houvesse interferência dentro da pesquisa foi impossível. Durante os anos, a pesquisa esteve presente junto à fábrica em duas festas de aniversário dela, em um acampamento político, em duas manifestações, mais de dez visitas periódicas durante os anos, um “sábado da feijoada”, imersões, inúmeras visitas guiadas no chão de fábrica, participação em dois seminários acadêmicos e em outros encontros políticos.

O método utilizado para qualificar os boicotes sofridos na Flaskô é o estudo de caso, construído a partir das experiências decorrente durante o período de 2013 até 2017. Para a identificação da problemática na Argentina, utilizamos Ruggeri (2016), que relata a problemática local com a alta dos impostos. A descrição e o registro dos momentos formais da pesquisa são fundamentais e essenciais para que a manutenção da argumentação ocorra, entretanto, são nos momentos de maior informalidade que verificamos os laços de confiança estabelecidos entre as pessoas, na medida em que relatam elementos da vida cotidiana, da realidade da fábrica, dos desejos pessoais e, também, momentos em que muitos relatos não são registrados.

É com isto que o método deve se preocupar, com o dinamismo do objeto de estudo, uma vez que este não é estático, é humano, é social e, em outras palavras, quando estamos em campo, mas não pesquisando, estamos sujeitos aos encontros com o objeto. Antes de tratar o objeto de estudo como um organismo inanimado e cartesiano, é importante observar que este é dinâmico.

## Discussão

### *O problema do efeito dominó de uma peça*

Apontamos que a tomada dos meios de produção é essencial para que a sociedade possa dar um salto nas questões de economia política. As ocupações e recuperações de fábrica caracterizam este movimento e demonstram que é possível, mas que também se enfrentam inúmeros problemas. Um dos problemas principais é a questão das dívidas que são deixadas pelos antigos donos, algo que gera a fragilidade dos empreendimentos, levando-os a falência. Os estudos acerca do motivo da mortalidade de pequenos e médios empreendimentos são feitos desde o final da década de 30 por Henry Davis, nos quais apontam-se que os principais motivos que geram a mortalidade das pequenas empresas são “a falta de mão de obra especializada, a falta de infraestrutura, a instabilidade política e econômica, a rápida mudança de demanda por parte dos clientes” (DAVIS, 1939, p. 330).

Com as ERTs, não é diferente. As principais dificuldades enfrentadas estão relacionadas a fatores econômicos e a demanda e oferta, além da imprevisibilidade do mercado. Entretanto, a “má gestão financeira pode ser considerada um dos principais fatores que contribuem para a mortalidade precoce” (FERREIRA *et al.*, 2012, p. 813). No caso da Flaskô, os efeitos econômicos dos anos noventa levaram a uma crise interna do empreendimento, porque o ritmo imposto, decorrido da inserção de empresas estrangeiras, foi muito agudo para os pequenos empreendimentos da época, inclusive, para a fábrica.

Na época, a Flaskô fazia parte de um grupo, a Corporação Holding Brasil (CHB), a qual buscou reestruturação de suas diretrizes, inclusive quanto às atividades da Flaskô.

Para maior organização das atividades, as 39 empresas da corporação foram distribuídas em seis holdings setoriais, dentre as quais, a HB Consumo S.A. (Cipla: Material de Construção; Produtos do Lar; Tubos, Mangueiras e Flexíveis; Tintas) e a HB Industrial S.A. (Brakofix, Interfibra, Profiplast, Poliex, Glycerin e Flaskô) (NAPOLEÃO, 2004, p. 4).

Essa mudança estrutural veio acompanhada de uma mudança na administração das organizações do grupo, como mostra a Figura 1.

**Figura 1 – Medidas de reestruturação empresarial da Corporação HB instituídas em 1991**

Objetivos da reestruturação empresarial				
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Concentração em negócios rentáveis e de origem da empresa;</li> <li>* Saneamento financeiro;</li> <li>* Redução de custos e despesas;</li> <li>* Racionalização industrial;</li> <li>* Maior agilidade de decisão;</li> <li>* Maior penetração de mercado;</li> <li>* Controle operacional mais eficaz.</li> </ul>				
Ações				
Estrutura	Industrial	Comercial	Adm./Financeira	Reest. de capital
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Redução da estrutura empresarial;</li> <li>* Fusão de empresas com atividades afins;</li> <li>* Compactação do corpo executivo;</li> <li>* Redução de níveis hierárquicos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Desativação de plantas fábriis;</li> <li>* Unificação das plantas fábriis, buscando racionalidade e sinergias, com centralização em Joinville-SC e Sumaré-SP;</li> <li>* Liberalização de imóveis para compor o saneamento financeiro;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Fortalecimento da especialização por mercado;</li> <li>* Redução da estrutura da área comercial, com ênfase nos custos fixos;</li> <li>* Centralização de áreas afins sob um único comando;</li> <li>* Concentração em negócios/linhas de produtos mais rentáveis;</li> <li>* Racionalização da equipe de vendas e escritórios regionais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Centralização de todas as decisões de ordem administrativa e financeira em Joinville-SC, sob um único comando;</li> <li>* Implantação de um sistema eficaz de controle das operações;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Desmobilização de ativos;</li> <li>* Participação de credores no capital da empresa;</li> <li>* Alongamento do perfil da dívida;</li> <li>* Aporte de capital do acionista;</li> </ul>
Benefícios auferidos até 1993				
<ul style="list-style-type: none"> <li>* <u>Redução de estoques</u>: a nova política de estoques reduzidos (Kanban) proporcionou menores investimentos em capital de giro;</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>* <u>Redução de pessoal</u>: redução de 1.234 colaboradores entre jan/92 e dez/93, sem prejuízos significativos na atividade operacional das empresas;</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>* <u>Recuperação do preço médio</u>: a revisão da rentabilidade das linhas de produtos permitiu uma recuperação do preço médio da empresa e sua margem de contribuição;</li> </ul>

Fonte: Napoleão (2000).

Esse quadro de medidas, para modificar a situação da corporação, não foi suficiente para que a fábrica não passasse a ser sucateada, como relatam os trabalhadores que até hoje trabalham na fábrica. Esses trabalhadores são a prova viva do período antigo, o período patronal. Neste sentido, no Brasil, é durante este período que a globalização se apresenta enquanto um modificador do lugar, por condicionantes afastados do território e condicionantes estrangeiros, tais como: o capital direto estrangeiro e a entrada de capital estrangeiro pelas vias das multinacionais durante os anos noventa. Isso porque “a dinâmica dos espaços da globalização supõe uma adaptação permanente das formas e das normas. As formas geográficas, isto é, os objetos técnicos requeridos para otimizar uma produção, somente autorizam essa otimização ao preço do estabelecimento e da aplicação de normas jurídicas, financeiras e técnicas, adaptadas às necessidades do mercado” (SANTOS, 1999, p. 12).

O neoliberalismo causou impactos para a estrutura do mundo do trabalho na América do Sul, de maneira que a resposta que os trabalhadores deram, frente aos efeitos neoliberais, foi de resistir ao desemprego cada vez maior, tanto no Brasil como na Argentina, mesmo que as políticas nacionais favorecessem o estrangeiro em

detrimento do crescimento da economia local. Na Argentina, os efeitos neoliberais foram semelhantes, e, assim, também ocorreu o mesmo movimento de recuperação, mas, por lá, o impacto neoliberal foi mais acentuado, e, tanto mais, a resposta da classe trabalhadora. “Para termos uma ideia, um país onde a taxa de desemprego nunca passou dos 4 ou 5% chegou a 20% com a desvalorização cambial no ano de 2001, sendo que mais de 50% dos trabalhadores estão hoje na informalidade” (NOVAES, 2005, p. 14).

Naquela época, isso levou a uma expropriação do trabalho cada vez mais aguda para os pequenos empreendimentos. Se antes já era difícil competir com as grandes empresas nacionais, competir com as grandes multinacionais se tornava uma odisseia. Com a fábrica Flaskô, mediante a abertura econômica e após a reestruturação na CHB, acabaram-se sofrendo cortes de pessoal e redução de salários, tendo em vista “que as respostas, uma vez implementadas, foram extremamente duras para os trabalhadores. Configurou-se uma estratégia constituída de: 1) fechamento de 5 fábricas; 2) redução do quadro de pessoal de 5.401 para 1.711 trabalhadores; 3) diminuição de 215 para 51 chefes, além de diretores e gerentes; 4) redução dos níveis hierárquicos de 7 para 3; 5) terceirização da área comercial, com queda de 450 para 180 vendedores; 6) a informatização da área de vendas reduziu de 222 para 33 vendedores; e 7) uma centralização administrativa” (DIEESE, 1997, p. 76).

Daí que a Teoria Geral da Administração surge como ferramenta ideológica para esconder a crise e seus efeitos do trabalhador da fábrica. Enquanto trabalhadores eram demitidos, os salários atrasavam, os benefícios da CLT não eram pagos pelos gestores, os gerentes da fábrica eram mantidos pela CHB. O papel do gerente era escamotear a existência daquilo que estava ocorrendo na fábrica, o sucateamento das operações. Daí que o papel da administração é visto, por alguns autores como Mauricio Tragtenberg, como ideológica, pois, em muitos casos, ela tende a escamotear a realidade para evitar conflitos, represálias e revoltas dos operários, e isso porque a TGA “traz em si a ambiguidade básica do processo ideológico, que consiste no seguinte: vincula-se às determinações sociais reais, enquanto técnica (de trabalho industrial, administrativo, comercial) por mediação do trabalho e afasta-se dessas determinações sociais reais, compondo-se num universo sistemático organizado, refletindo deformadamente o real, enquanto ideologia (TRAGTENBERG, 1974, p. 89).

Por isso, apontou-se anteriormente que a técnica nunca é neutra. Lembramos do fato que os trabalhadores só foram descobrir que os gestores não pagavam e depositavam os benefícios trabalhistas após a ocupação. Assim sendo, a partir da teoria de classe, da luta contra as condições existentes entre patrão e trabalhador e da necessidade emergente da solidariedade e coletividade, quando as pessoas que



possuem apenas a mão de obra para vender tomam a frente dos empreendimentos pela construção de novas relações sociais de produção, essas o fazem superando o mito da neutralidade da técnica.

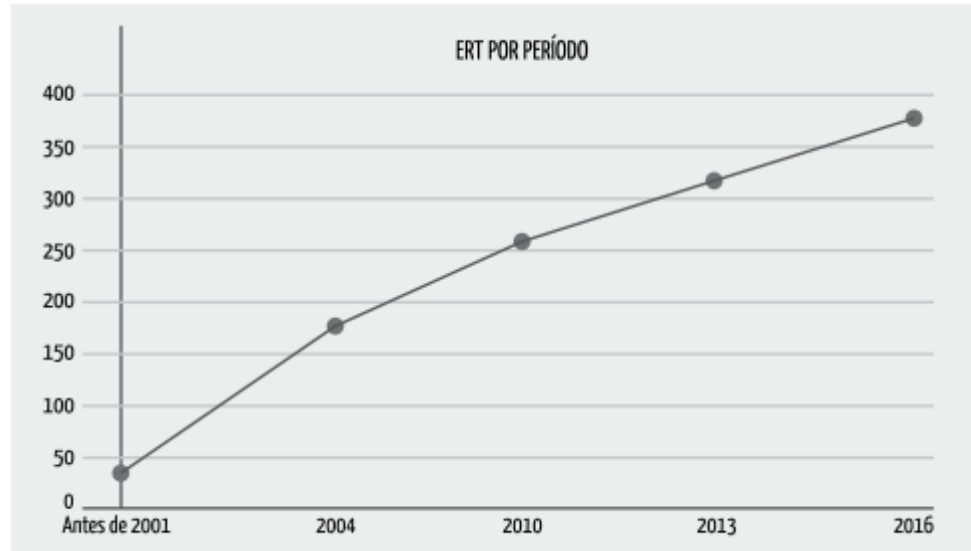
É um processo de tomada de consciência e resistência, onde o enfrentamento frente à política e a economia é feito pelo conjunto de trabalhadores que se apropriam da técnica e dos meios de produção. Neste sentido, lidar com as problemáticas econômicas e de gestão são importantes, tanto quanto o embate político que a fábrica faz. De maneira que:

as principais questões relatadas para a baixa produtividade são: dificuldade de inserção do produto no mercado (21%), falta de capital de giro/crédito (16%), falta de demanda pelo produto (13%), falta de matéria prima (9%), falta de máquinas adequadas (8%), falta de trabalhadores especializados (6%) e outros (26%), dentre eles: sazonalidade, problemas de qualidade do produto, crise do setor, planejamento (HENRIQUES *et al.*, 2013, p. 60).

Na Flaskô, é possível identificar tais problemáticas, tendo em vista a dívida deixada pelos patrões. Se, no Brasil, houve pouco incentivo para a tomada dos meios de produção durante os períodos de crise, na Argentina, o apoio às empresas recuperadas por trabalhadores cresceu. Durante os anos, as políticas públicas apoiaram e fomentaram o surgimento de empreendimentos autogeridos pelos trabalhadores.

Em março de 2016, existiam na Argentina 367 empresas recuperadas que empregavam 15.948 trabalhadores e trabalhadoras. As empresas recuperadas que surgiram após o encerramento do relatório anterior, em dezembro de 2013, totalizaram 43 (RUGGERI, 2016, p. 13).

Essas informações, fornecidas por Ruggeri (2016), nos revelam um crescimento de mais de 700% dos empreendimentos recuperados por trabalhadores. Aparentemente, há uma aposta de parcela da sociedade civil, espalhada pela América Latina, que favorece essas iniciativas, e suscitam a ideia de que possa haver ERTs por todo o mundo.

**Figura 2** – Empresas recuperadas na Argentina

Fonte: Ruggeri (2016, p. 17).

Mesmo assim, os boicotes são constantes. Neste mesmo artigo, o autor aponta que, na Argentina, o governo do presidente Macri tem gerado um efeito indireto que tem reduzido o faturamento dos empreendimentos, tendo em vista o aumento de tarifas de energia e de gás sobre os empreendimentos.

Em relação às consequências que eles começam a ver sobre política econômica avançando, desde 10 de dezembro de 2015, sobre as ERTs, o primeiro e maior impacto, que causou maior reação dos trabalhadores e suas organizações, é o aumento da taxa que varia entre 200% e 700% na eletricidade, e isso pode atingir mais de 1.300% para o gás (RUGGERI, 2016 p. 20).

**Figura 3** – Aumento da tarifa de gás entre Fevereiro e Maio de 2016

ERT	Sector de actividad	Provincia/localidad	Tarifa febrero-marzo (\$)	Tarifa abril-mayo (\$)
FASINPAT (ex Zanon)	Cerámica (construcción)	Neuquén	700.000	8.000.000
Los Chanchitos	Gastronomía	CABA	1.400	22.000
Renacer	Metalúrgico	Tierra del Fuego	3.400	49.000
Textiles Pigüé	Textil	Provincia de Buenos Aires/Saavedra	29.200	20.2000
Vitrofin	Vidrio	Santa Fe/Cañada de Gómez	44.000	293.000

Fonte: Ruggeri (2016, p. 22).

O autor argumenta que este aumento não só desfavorece a economia local e a potencialidade das ERTs, mas também converge para o favorecimento de grandes corporações e do capital financeiro, na medida em que fragiliza o desenvolvimento de pequenos e médios empreendimentos recuperados.

**Figura 4 – Aumento da tarifa de água entre Fevereiro e Maio de 2016**

ERT	Sector de actividad	Provincia/localidad	Tarifa febrero-marzo (\$)	Tarifa abril-mayo (\$)
Cueroflex	Cuero	Provincia de Buenos Aires/GBA/San Martín	20.000	80.000
Chilavert	Gráfico	CABA	800	5.000
Frigorífico Bragado	Industria de la carne	Provincia de Buenos Aires/Bragado	19.000	50.000
Bauen	Hotelería	CABA	60.000	218.000

Fonte: Ruggeri (2016, p. 22).

**Figura 5 – Aumento da tarifa de energia elétrica entre Fevereiro e Maio de 2016**

ERT	Sector de actividad	Provincia/localidad	Tarifa febrero-marzo (\$)	Tarifa abril-mayo (\$)
Chilavert	Gráfico	CABA	3.000	15.000
10 de Noviembre	Textil	Provincia de Buenos Aires/GBA/La Matanza	7.500	45.000
19 de Diciembre	Metalúrgico	Provincia de Buenos Aires/GBA/San Martín	6.000	24.000
Acetato Argentino	Textil	Provincia de Buenos Aires/GBA/Quilmes	28.000	110.500
Alé Alé	Gastronomía	CABA	7.500	22.000
Bauen	Hotelería	CABA	24.000	100.000
CUC	Calzado	Provincia de Buenos Aires/GBA/San Martín	14.000	57.000
Cueroflex	Cuero	Provincia de Buenos Aires/GBA/San Martín	60.000	322.000
El Amanecer	Alimentación	Provincia de Buenos Aires/Mar del Plata	50.000	90.900
Envases Flexibles Mataderos	Gráfico	CABA	32.000	243.000
FASINPAT	Cerámica (construcción)	Neuquén	360.000	1.600.000
Frigorífico Bragado	Industria de la carne	Provincia de Buenos Aires/Bragado	28.000	70.000
Idelgraff	Gráfico	Provincia de Buenos Aires/GBA/Munro	2.000	8.800
INCOB	Industria de la carne	Provincia de Buenos Aires/Bahía Blanca	16.000	59.000
La Casona	Gastronomía	CABA	8.000	42.000
Los Chanchitos	Gastronomía	CABA	5.000	19.000
Maderera Córdoba	Madera	CABA	2.000	6.000
Madygraf	Gráfico	Provincia de Buenos Aires/GBA/Pilar	38.000	230.000
Ronicevi	Metalúrgico	Provincia de Buenos Aires/Tandil	32.000	62.000
SUPGBA	Industria de la carne	Provincia de Buenos Aires/GBA/	100.000	850.000

Fonte: Ruggeri (2016, p. 22).

Se, na Argentina, onde nossos vizinhos possuem mais avanços em relação ao sistema de ERTs, os ataques do governo Macri são sentidos de maneira “indireta” nos

impostos cobrados sobre as tarifas, no caso da Flaskô, a problemática da alta tarifa de energia e da falta de apoio das políticas públicas é evidente e constante. No ano de 2017, a fábrica ficou sem energia durante três meses devido a um corte inesperado da CPFL (companhia de energia elétrica responsável pelo fornecimento na planta da fábrica). Este corte comprometeu as atividades da fábrica causando uma série de impactos, porém, os trabalhadores permaneceram, mesmo assim, trabalhando e mantendo a fábrica, sabendo que este evento e o *modus operandis*, resultantes do corte de energia, não são inéditos, e que também podem ser aplicados novamente no futuro.

A Flaskô não está livre dos efeitos capitalistas sobre o trabalho. Ela é um dos territórios no qual o avanço da luta do trabalhador por autonomia sobre as relações sociais de produção se mostra possível, mas, sozinha, ela não consegue gerar o efeito dominó necessário para que mudanças estruturais no modelo político-econômico dos governantes, no sentido de incentivar as recuperações e ocupações de fábrica pela cidade, pelo estado e pelo país, aconteçam. Mesmo sendo única no Brasil e, portanto, um marco referencial, a Flaskô é, também, um símbolo martirizado, parece que o mesmo rumo é seguido pelo atual governo argentino quando o assunto são as ERTs. Daí que a resistência da Flaskô é um símbolo de luta, para além das questões econômicas.

### *Reflexão*

A partir da experiência vivida, foi possível perceber a fábrica de inúmeras maneiras, e, cada uma dessas percepções, construiu um significado, um símbolo, uma perspectiva. Esses símbolos escapam ao entendimento da ciência, de maneira que são necessárias certas abordagens para buscar compreender o fenômeno da Flaskô, uma vez que não são apenas motivações políticas ou econômicas que caracteriza a presença dos trabalhadores dentro da fábrica.

Os avanços que encontramos na Flaskô são a redução da jornada de trabalho sem redução de salário, a organização coletiva e democrática na tomada de decisões, redução total dos acidentes de trabalho, a manutenção da qualidade dos produtos vendidos, a criação de fábrica de cultura, vila operária e o Centro de Memória Operária e Popular (CEMOP). Assim sendo, a importância de perguntar e questionar um trabalhador sobre a realidade da fábrica durante uma pesquisa de campo, não é mais importante do que se sentar junto a ele na mesma mesa para almoçar, comendo a comida feita pelas mãos de outro trabalhador.

A existência da fábrica Flaskô demonstra ser possível ter modos de produção distintos convivendo com o capitalismo e que buscam superá-lo, ainda que não totalmente, mas que demonstram a possibilidade de novas relações sociais de produção.

A partir do caso da Flaskô, é possível ver um horizonte onde o ser humano busca, de todas as maneiras, outras formas de viver.

A Flaskô é uma fábrica que foi, aos poucos, sucateada, isso a levou as ruínas de suas estruturas, o que gerou uma ausência de iluminação. Além disso, as máquinas são muito antigas, quebram demais e interrompem a produção, enforcando, ainda mais, a produção e, conseqüentemente, os salários. Esses, por sua vez, atrasam, mas o que nem sempre foi assim, segundo os trabalhadores. De qualquer maneira, esses elementos não impedem os trabalhadores de continuarem lá.

“Antigamente, até 2014, lembra o trabalhador João, não havia atraso de salários”. A partir daquele ano, os salários começaram a atrasar e, desde então, a fábrica busca pagar as dívidas deixadas pelos antigos patrões, as dívidas cobradas por terceiros, os atrasos salariais e ainda mantém as atividades de produção em uma planta completamente espoliada pelo sucateamento que veio da liquidação que a CBH fez no fim dos anos noventa. Esse sucateamento, atrelado a má administração, que já não conseguia manter as operações da fábrica, ocasionou na ocupação da mesma. A partir de então, extinguiu-se o processo de decisão patronal para dar lugar ao processo coletivo.

Argumenta-se que há certa disparidade entre o conhecimento dos trabalhadores e também em relação aquilo que os motiva. Existem trabalhadores que são vistos como lideranças, e parece que as estratégias dependem dessas pessoas, em muitos casos, aparenta-se que o consenso dos trabalhadores é algo inevitável, tendo em vista aqueles “líderes” conhecerem mais sobre o “assunto”. Verifica-se que há determinada hierarquia informal que advém desses elementos, por mais que todos estejam no mesmo barco, na Flaskô, a diferença na formação educacional gera um determinado efeito de crença de que determinado indivíduo com diploma será mais capaz do que aquele que não tem, mesmo que isso não seja dito.

Observa-se, também, problemas decorrentes da falta de comunicação e entendimento mútuo. Muitas vezes, os trabalhadores vivem sob uma assimetria de informações, de maneira que os processos podem cair no esquecimento, bem como as dinâmicas de decisão, como conselhos e assembleias, sofrerem, também, com essa dificuldade de comunicação, tendendo a serem abandonadas. Aos poucos, a luta cansa as pessoas e antigos trabalhadores vão deixando a fábrica. Logo, ela não consegue revitalizar-se com pessoas mais jovens. Tão logo, os efeitos de mercado e da política institucional conturbam, mais ainda, sua sustentação. Muitos problemas vão se somando, mas o símbolo da resistência permanece.

Foi possível verificar que as condições de trabalho são precárias, mas que há o domínio dos trabalhadores perante a rotina e ritmo de trabalho. Várias críticas e pensamentos puderam ser vistos acerca do significado do fenômeno Flaskô, a partir da prática vivida pelos trabalhadores, e, também em relação à teoria, uma vez que a ocupação da Flaskô surge do desejo de alguns indivíduos em propor um novo modelo de produção e que tem divergência dos manuais da TGA.

Muitos trabalhadores participam de manifestações políticas e vão a atos, há, também, aqueles que relatam que a fábrica não deveria mais existir. São elementos contraditórios, mas que podem ser observados em qualquer organização, de forma que a Flaskô possui muitas diferenças em relação a outros empreendimentos quanto à função social, mas, ainda assim, dentro dos seus muros, os elementos da cultura organizacional podem ser observados a partir de referenciais da gestão, mas, também, sempre tendo em vista que estes referenciais nunca se aplicam em sua totalidade.

A TGA não consegue penetrar na densa camada ideológica, política e social presente na existência da Flaskô. O símbolo que ela representa não se limita a inovações de mercado ou aos lucros. Se fossem estes a motivação da fábrica, ela já teria fechado. A fábrica é um ponto de resistência e de luta, um ponto de inflexão na questão das fábricas ocupadas e recuperadas. Sua consolidação, seja através da adjudicação ou da estatização sob controle operário, é um fator que abriria precedentes para que outros empreendimentos tomassem os mesmos rumos. Na sociedade do espetáculo, a guerra por símbolos é constante, isto para refletirmos: por que a Flaskô, uma fábrica com menos de 50 trabalhadores em uma estrutura sucateada é tão visada? Por que sofre tantos boicotes, retaliações de mercado, sabotagens? Por que é criticada por conservadores?

### **Considerações finais**

A Flaskô reconfigura a noção de propriedade, marca uma etapa da ocupação da propriedade privada caracterizada pela tomada dos meios de produção e fortalecimento da economia local frente à globalização da economia. Seria loucura pensar isso com a fábrica estando sozinha, mas, ao observarmos as condicionantes e as posturas resultantes, também, na Argentina, podemos pensar que, no Brasil, o cenário era (e atualmente também é) muito favorável. Neste sentido, da mesma maneira que tem ocorrido no governo Macri, com o aumento nas taxas de insumos energéticos (aumento esse fulminante para as ERTs), no Brasil, o mesmo ocorre sem que haja ERTs. Isto significa que o projeto ideológico que castra o desenvolvimento de ERTs no Brasil é o mesmo projeto que vem, desde 2015, assolando as ERTs Argentinas.

As empresas e fábricas recuperadas por trabalhadores sofrem com inúmeras dificuldades, desde condições microeconômicas, até aquelas que dizem respeito à organização industrial, todavia, cada vez mais é verificado que o capital se sobrepõe ao trabalho, sem nenhuma ressalva, e que essa sobreposição gera problemas sociais e humanos. Longe de conseguir encontrar uma solução, e, mais no sentido de evidenciar a relação entre os boicotes na Argentina e na Fluskô, este trabalho buscou aproximar o fenômeno da Fluskô ao das ERTs Argentinas, sobre a óptica das represálias e boicotes. O movimento de ERTs não é recente, mas acompanha as ruínas do capitalismo, e, assim, uma postura conservadora, tal qual os ataques do governo argentino sob as ERTs, desde 2015, ou os ataques (políticos e econômicos), desde 2003, sob a Fluskô, só pode ser uma postura totalmente defensiva frente a uma iniciativa da sociedade civil organizada que expõem as fragilidades do capitalismo.

### Referências bibliográficas

- DAVIS, H. Business Mortality: The Shoe Manufacturing Industry. **Harvard Business Review**, v. 17, n. 3, p. 331-339, 1939.
- DIEESE. **Reestruturação produtiva e emprego na Indústria de Santa Catarina**. Florianópolis: DIEESE, 1997. (Estudo Regional DIEESE n. 1).
- FERREIRA, L. F. F. *et al.* Análise Quantitativa Sobre a Mortalidade Precoce de Micro e Pequenas Empresas da Cidade de São Paulo. **Gestão & Produção**, v. 19, n. 4, p. 811-823, 2012.
- HENRIQUES, F. C. *et al.* As Empresas Recuperadas por Trabalhadores no Brasil: Resultados de um Levantamento Nacional. **Mercado de trabalho**, n. 55, p. 55-67, 2013.
- LEFEBVRE, H. **A Linguagem e a Sociedade**. Lisboa; Paris: Ulisseia; Gallimard, 1966.
- MARX, K. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Editora Escala, 2007. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 77).
- NAPOLEÃO, F. **Cipla (Joinville – Brasil): A Luta dos Trabalhadores contra o Desemprego**. 2004. Disponível em: [http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografia\\_socioeconomica/Geografiaindustrial/12.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografia_socioeconomica/Geografiaindustrial/12.pdf). Acesso em: 16 fev. 2017.
- NAPOLEÃO, F. **Origem, Desenvolvimento e Crise da Indústria Joinvilense de Materiais de Construção em PVC: 1941–2002**. 323p. 2005. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- NOVAES, H. T. Notas sobre Fábricas Recuperadas em Argentina y en Uruguay. **Revista Idealcoop**, v. 32, n. 165, p. 452-482, 2005.
- RUGGERI, A. Las empresas recuperadas por los trabajadores em los comienzos del gobierno de Mauricio Macri. **Revista Idelcoop**, n. 220, p. 11- 31, 2016.
- SANTOS, M. Modo de Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. **Revista Território**, ano IV, n. 6, 1999.
- TRAGTENBERG, M. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática, 1974.